



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO E O *AMERICAN WAY OF LIFE*: APONTAMENTOS SOBRE JUVENTUDE E MODERNIDADES A PARTIR DOS ESTADOS UNIDOS (1950-1960)

Andreya S. Seiffert*

1

O que é “ser moderno”? Para a pergunta – aparentemente simples- não há somente uma resposta, nem tampouco é um questionamento fácil de ser respondido. O termo remonta ao final do século V, cujo sentido era “agora”, “atual”. Em sua evolução semântica, *moderno* passou a relacionar-se com o que é novo.

Assim o que muitas vezes é “moderno” para uma geração, já é considerado ultrapassado para a seguinte. Entre os jovens, essas substituições parecem ser ainda mais velozes: em poucos anos, ou até mesmo meses, objetos, roupas, gírias vão da fama ao ostracismo: “modernidade e decadência tornaram-se sinônimas, pois a renovação incessante implica a obsolescência súbita” (COMPAGNON, 2003, p. 38). Percebe-se assim que uma mesma época abriga mais de um moderno, e esses sentidos coexistem. Daí a impossibilidade de um conceito fechado ou mesmo no singular. Assim, a pergunta inicial “o que é ser moderno?” merece uma reformulação que aborde essa modernidade plural. O questionamento então se torna: como as diferentes faces do moderno apareciam na década de 1950 nos Estados Unidos?

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: bucaseiffert@gmail.com

A MODERNIDADE NA FORMA DE CADILAUQUE

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos continuaram seu crescimento econômico promovido durante a guerra (principalmente através da indústria bélica), mas agora exportando materiais para a reconstrução da Europa através do Plano Marshall. Além disso, pesquisas que ficaram paradas durante a guerra puderam prosseguir. É o caso, por exemplo, da televisão, cuja invenção remonta à década de 1920, mas que vai se popularizar sobretudo a partir de 1949.

Logo, as televisões começaram a fazer parte dos lares norte-americanos. A aquisição de outros bens duráveis como geladeiras, aspiradores de pó e até mesmo automóveis era símbolo do poder de consumo e do *american way of life*, ou do “estilo americano”. O moderno aqui ligava-se ao “prestígio do novo” como chamou Antoine Compagnon. Nas campanhas publicitárias, o ato de consumir era positivado, representava a liberdade, e os produtos trariam felicidade. Vale lembrar que as décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial são marcadas pela Guerra Fria, palco da disputa ideológica entre o capitalismo estadunidense e o comunismo soviético.

Na campanha publicitária abaixo, vinculada na revista Time, de 1953, lê-se “Pesquisas indicam que existem mais de 20.000.000 de motoristas na América que prefeririam ter um Cadilauque do que qualquer outro automóvel construído. Essa é sem dúvida a maior aprovação já recebida por um automóvel - se não a maior recebida por qualquer produto manufaturado. Mas nós pensamos que você irá concordar, quando ver e dirigir o ótimo Cadilauque 1953, que a aprovação é amplamente merecida. O carro tem uma beleza suprema ... seu interior é gracioso e luxuoso quase além da descrição ... e quando o assunto é performance - bem, este é de longe o maior "Padrão do Mundo" já construído. Se você está entre os milhões que tem o Cadilauque como o seu "primeiro amor", você deveria ir até o seu negociador Cadilauque assim que possível. Uma olhada e uma volta - e nós achamos que você irá concordar que este é o ano perfeito para adquirir o automóvel dos seus sonhos!” (tradução nossa).



Imagem 01: Campanha publicitária vinculada na revista Time, em 1953.
Fonte: Gallery of Graphic Design

3

A modernidade, entretanto, ou ao menos essa modernidade que era vinculada ao materialismo, encontrou também seus desafetos:

- Você devia ir a um desses colégios de rapazes, só pra ver. Experimenta só – falei. – Estão entupidos de cretinos, e você só faz estudar bastante para poder um dia comprar uma droga dum cadilaque, e você é obrigado a fingir que fica chateado se o time de futebol perder, e só faz falar de garotas e bebida e sexo o dia inteiro, e todo mundo forma uns grupinhos nojentos. Os caras do time de basquete formam um grupinho, os camaradas que jogam bridge formam um grupinho. Até os que são sócios da porcaria do Clube do Livro formam um grupinho. Se você tenta bater um papo inteligente...
- Escuta aqui – ela disse. – Muitos rapazes encontram mais do que isso no colégio. - Concordo! Concordo, alguns deles encontram mesmo. Mas eu só encontro isso. Compreendeu? Esse é que é o caso. É exatamente o meu problema. Não encontro praticamente nada em nada. Estou mal de vida. Estou péssimo (SALINGER, 1999, p. 129).

Neste trecho, é possível perceber todo o descontentamento de Holden Caulfield, protagonista de “O Apanhador no Campo de Centeio” com a modernidade. O cadilque aparece como o símbolo máximo da sociedade de consumo americana e de tudo que Holden repudia. O fechamento dos colegas do colégio em grupos faz com que Holden sintasse isolado e gera nele uma sensação de não-pertencimento a nenhum desses grupos e também a nenhum lugar. Ele resolve, então, fugir do colégio interno em que estudava (sabendo da sua expulsão devido ao baixo desempenho) e vagar por Nova Iorque uns dias antes de voltar para casa no feriado de Natal e ter que encarar os pais depois dessa nova expulsão.

O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO E A RECUSA À MODERNIDADE

O livro, de autoria de J.D. Salinger, foi publicado em 1951, ou seja, nos “anos dourados” do capitalismo e desse consumismo que o protagonista de dezesseis anos de *O Apanhador* recusa. A crítica de Salinger parte de dentro da classe média alta nova-iorquina, da qual tanto ele quanto Holden fazem parte. É de lá que as contradições e falhas da modernidade são mais visíveis. Holden transforma-se, assim, no que Compagnon classificou como “verdadeiro moderno”, ou seja, aquele que entende essas contradições: “toda verdadeira modernidade que é igualmente resistência à modernidade, ou pelo menos, à modernização” (COMPAGNON, 2003, p.26).

A recusa à essa modernidade materialista aparece em vários trechos do livro, como nesse, em que Holden demonstra não se importar com dinheiro:

Estava com fome. Enquanto o táxi seguia, tirei a carteira e mais ou menos contei o dinheiro que me sobrava. Não me lembro exatamente quanto tinha, mas não era nenhuma fortuna. Tinha jogado fora um dinheirão naquelas duas miseráveis semanas. Tinha mesmo. No fundo, eu sou um tremendo esbanjador. E o que não gasto, acabo perdendo. A maioria das vezes, até esqueço de apanhar meu troco nos restaurantes, boates e tudo. Meus pais ficam furiosos com isso e, afinal de contas, têm razão. Mas meu pai é bastante rico. Não sei quanto ele ganha - nunca conversamos sobre isso - mas sei que é um bocado. Ele é advogado de uma companhia. Esses camaradas faturam uma nota alta. Outra prova de que ele está muito bem de vida é que está sempre investindo em peças da Broadway. As peças sempre fracassam e minha mãe fica maluca quando ele faz isso (SALINGER, 1999, p. 107-8).

Enquanto seus antigos colegas do colégio parecem querer manter o estilo de vida dos pais, Holden opta por viver à margem:

Mas, à minha direita, a conversa ainda estava pior. Tinha um sujeito metido a besta, com um terno de flanela cinza e um desses coletes afrescalhados. Todos esses filhos da mãe das universidades se vestem igual. Meu pai quer que eu vá para uma dessas universidades metidas a bem, Yale ou talvez Princeton, mas juro que não me pegam nesses lugares cretinos nem morto, no duro mesmo (SALINGER, 1999, p.87).

Poder enviar um filho para uma universidade renomada era um status social. Holden, contudo, despreza tais vantagens. O que ele espera, no fundo, é apenas encontrar alguém para conversar que lhe entenda e que compartilhe das mesmas angústias que a modernidade lhe traz.

Essas angústias são próprias do tempo em que Holden está inserido. Embora o garoto seja um personagem fictício, Salinger, seu criador, inspirou-se no momento pelo qual os Estados Unidos estavam passando:

Quando Salinger se mudou para os subúrbios residenciais, encontrou lá a nova classe média emergente, um segmento social que crescia de modo explosivo em 1948 e onde ele encontrou material inesgotável para seus escritos. Na época em que Salinger viveu em Connecticut, o americanismo despudorado e o materialismo eram valores inquestionáveis (SLAWENSKI, 2011, p.161).

Salinger percebeu com muita astúcia o descontentamento dos jovens que não concordavam com esses valores materiais – como era o caso dele próprio, também. Ao transpor isso para as páginas do “Apanhador”, Salinger conquistou milhares de fãs que se identificaram com as angústias de Holden. Rapidamente o livro entrou para a lista dos mais vendidos, onde permaneceria por vários meses.

Outra rejeição do moderno se dá pelo desprezo ao cinema. O irmão mais velho de Holden, D.B., era escritor, mas foi para Hollywood “se prostituir”. Essa depreciação vem também do autor. Salinger concordou apenas uma vez que um de seus textos fosse transformado em filme. O resultado, contudo, foi desastroso e ele nunca mais permitiu outra adaptação. Vários diretores entraram em contato com o autor (quando este ainda estava vivo) mas ele rejeitou todas as propostas. Sua opinião aparece através de Holden:

Uma vez, quase entrei num curta metragem sobre golfe, mas mudei de idéia no último minuto. Pensei cá comigo que uma pessoa que odeia o

cinema tanto quanto eu seria um cretino se aceitasse aparecer num filme (SALINGER, 1999, p. 79-80).

Assim, “O Apanhador” nunca foi adaptado para uma linguagem fílmica. O autor também não apreciava ilustrações na capa de seus livros ou fotos e informações a seu respeito na orelha. Acreditava que tais coisas eram desnecessárias e influenciariam na leitura do livro.

A imagem que temos de Holden é a descrita por Salinger nas páginas do “Apanhador”. Um garoto alto, com o cabelo cortado à escovinha (e inclusive com alguns fios brancos precoces) que sempre carrega consigo seu chapéu de caça vermelho. Por conta de sua aparência (que parece ser de um rapaz mais velho) Holden frequenta bares e chega a contratar uma prostituta. Quando questionado, Holden sempre mente a respeito da sua idade. O dilema de Holden era (e por muitas vezes continua sendo) o de muitos jovens: não mais criança, ainda não é adulto. É por isso que vaga por tantos lugares em Nova Iorque: está em busca de um em que se sinta “pertencido”.

Ao transpor os limites impostos pela sua idade, Holden Caulfield motivou outros jovens a fazerem o mesmo. Surgiu, assim, dentro da classe média norte-americana uma recusa pelos seus valores. Nos anos seguintes à publicação do “Apanhador”, milhares de outros jovens iriam seguir os passos errantes de Holden: “rebeldes sem causa”, contraculturalistas, movimento hippie... embora cada um carregue sua especificidade, todos tem em comum esse desprezo pela sociedade de consumo expressa tão bem na obra-prima de Salinger:

É interessante que ele [Salinger] vê, talvez mais nítido que qualquer autor nesse momento, a ideia de uma juventude que se descola, uma geração inteira que se descola dos pais e passa a ter outros tipos de valores, de recusa. Isso depois nos anos 60, com os hippies, os movimentos todos de rebeldia... vai aparecer como se fosse um prenúncio, como um grande profeta. Ele é o grande autor que de repente vai ser lido em todos os movimentos de recusa dos valores burgueses. (...) Então é um cara que além de uma obra muito importante, uma espécie de nihilismo burguês que nasce dentro dessa classe média, do coração do capitalismo e que reproduz a ruptura entre o mundo dos adultos e o mundo dos adolescentes, os novos valores que já não querem compartilhar, a recusa da ligação e também com essa ligação com os movimentos de contracultura dos anos 60. Acho que isso explica boa parte da enorme repercussão que ele tem (PÉCORA, 2010, informação verbal).

Salinger aparece como “um grande profeta” justamente por compreender tão bem a modernidade e seus paradoxos e mostrar sua recusa a ela através de *O apanhador no campo de centeio*. Ao romper com os valores materiais e incentivar outros jovens a agirem da mesma forma, Holden age dentro da “tradição moderna”

Durante muito tempo opôs-se o que é tradicional e o que é moderno (...): moderno seria o que rompe com a tradição e tradicional o que resiste à modernização (...). Na medida em que cada geração rompe com o passado, a própria ruptura constitui a tradição (COMPAGNON, 2003, p.9-10).

A ruptura de Holden em *O Apanhador*, seguida de várias rupturas nos anos cinquenta e sessenta do século XX acabaram por configurar-se numa tradição de uma juventude rebelde, uma juventude que, diferentemente de outras juventudes, questionava seu tempo e os valores dele e que por compreender tão bem a modernidade, passou a recusá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Gallery of Graphic Design Disponível em: <<http://gogd.tjs-labs.com/show-picture?id=1064245572>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

PÉCORA, Antonio Alcir Bernárdez. **Obra-prima de Salinger é "manual do desajustado", diz professor; ouça**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/podcasts/ult10065u686067.shtml>>. Acesso em: 05 maio 2011. Podcast.

SALINGER, J.D. **O Apanhador no Campo de Centeio**. 14a ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1999.

SLAWENSKI, Kenneth. **Salinger: uma vida**. São Paulo: Leya, 2011.